

Valmir fica 19 horas no ar

ANDRÉ BRANT

Tempo é voto, é preciso correr. E quem tiver fôlego que o siga, pois Valmir Campelo corre, literalmente, pelo menos dezenove horas por dia atrás de votos.

Quando dorme, sonha com o Buriti. A marotona é enfrentada com uma dieta revolucionária: copinhos de água mineral e bali-nhas "Halls" sabor menta.

Às 7h30, ele está reunido, no apartamento da 111 Sul, com o fiel escudeiro José Eduardo Frota e os jornalistas Renato Riella, Fernando Lemos e Mara Moreira, que analisam o debate do dia anterior na TV Brasília.

Campelo já leu todos os jornais e assistiu aos noticiários da manhã. Nos bolsos, um terço e dezenas de pedacinhos de papel com os telefonemas que precisa retornar.

Às 8h15, os assessores vão para a mesa do café, e ele dispara com José Eduardo até o carro, um Opala particular.

Na frente, indicando o caminho para o Setor de Oficinas de Taguatinga, vai um Gol com três "anjos da guarda".

No caminho, pelo celular, Campelo não pára de pedir votos.

Quando chega, sua equipe já percorreu cada milímetro do tre-jeto nas oficinas. Todas — e são mais de cem — já têm cartazes e adesivos nas paredes.

Cerca de 30 moças gritam seu nome e agitam bandeiras. Um carro com alto-falante toca as músicas da campanha.

E tome correria. Sempre sor-rindo, invade cozinhas, entra de-baixo de carros, e distribui santi-nhos com tabelas de conversão para o real.

Ajuda — O filho Luís Henri-que, de 15 anos, vai atrás e forne-ce ao pai-maratonista os precio-sos copinhos de água. As balinhas são por conta de José Eduardo.

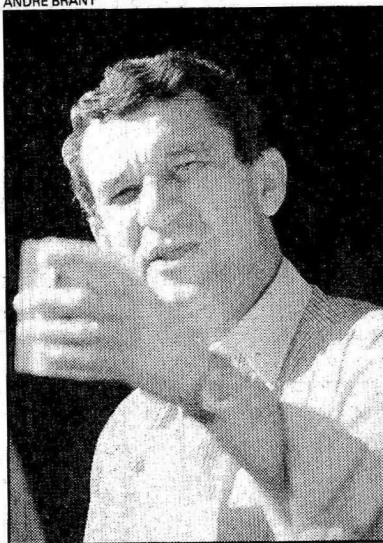
"Eu sou o Valmir, já adminis-trei Taguatinga...", repete. Ainda consegue entrar ao vivo em duas rádios, pelo celular.

Às 19h55, está no carro. No trajeto para o Senado, escova os sapatos, coloca o terno e a grava-ta.

Pelo telefone, recebe mais convites. José Eduardo aciona o comitê central e marca os novos compromissos no computador.

Campelo fica sabendo que um amigo sofreu um acidente de car-ro, e com o celular providencia o hospital.

No Senado, pausa para ir ao banheiro. Recebe políticos, lide-ranças comunitárias e vai pedin-do votos. No corredor, pede mais votos.



Campelo, movido a água e a halls

Às 13h, parte para uma reunião secreta, num hotel, com a coor-denação da campanha. Come frango e torta de banana, com... água mineral.

Buruti — Depois de um rápido encontro com diretores de uma rede de tevê, no Setor Comercial Sul, chega às 15h ao Palácio do Buriti, onde participa de uma so-lenidade ao lado do governador Joaquim Roriz.

Repete a dose no Centro de Convenções, às 16h. Enquanto Roriz não chega, dá mais um en-trevista pelo celular. E pede votos a quem encontra.

Grava uma cena para o vídeo da campanha no Defer, às 17h40. Volta às 18h ao Senado, e grava outra cena.

Troca de camisa e voa para o Núcleo Bandeirante, onde inau-gura o comitê de um candidato. Às 19h, liga pela primeira vez para a esposa.

Vila Planalto, 19h55, mais um comitê. Na 306 Norte, às 20h20, pede votos na Igreja Pentecostal.

Gama, 21h20, Assembléia de Deus. Ligou antes, soube que es-tavam todos de gravata e colocou a sua.

No carro, quebra a dieta. Come um sanduíche com queijo, carne, cebola e maionese, e toma refri-gerante.

Taguatinga, 22h50, aniversário de um radialista. Às 23h40, está de volta à 111 Sul, mas não para casa. Vai ao coquetel de um ami-go, sobe as escadas correndo e encontra a esposa, Marisalva.

"Pois é, o dia hoje foi devagar", comenta, sem perder o sorriso. "Se eu tomar uma chuvaçada agora, aguento mais seis horas", ameaça.

Por que tanta correria? "Eu tenho pressa, mas Brasília tem mais", responde.